

SEXO E SEXUALIDADE NAS VELHICES BRASILEIRAS: UMA REVISÃO NARRATIVA

SEX AND SEXUALITY IN BRAZILIAN AGING: A NARRATIVE REVIEW

SEXO Y SEXUALIDAD EN LA VEJEZ BRASILEÑA: UNA REVISIÓN NARRATIVA

Iandra Mikaelly Gonçalves da Silva¹  Raphael dos Santos Teixeira² 

Resumo: O envelhecimento da população brasileira traz a necessidade do desenvolvimento de um diálogo sobre velhice em seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais, incluindo a sexualidade, que ainda representa um tabu social nessa fase. Partindo disso, este artigo tem como objetivo compreender como as pessoas acima dos 60 anos, no Brasil, expressam e vivenciam a sexualidade atualmente. Para tal, utilizou-se como método a revisão narrativa da literatura, usando as bases de dados Google Acadêmico, LILACS e SciELO. Foram pré-selecionados 68 artigos, resultando ao final em 11 trabalhos escolhidos por meio dos critérios específicos de seleção. As pesquisas evidenciaram que a sexualidade é vivenciada na velhice, de modo que os desejos e a vida sexual e afetiva não se esgotam com o envelhecimento. No entanto, o tabu social relacionado à velhice sexualmente ativa limita a compreensão das próprias pessoas acima dos 60 anos sobre o tema, além de gerar vulnerabilidades no acesso a informações de saúde sexual, principalmente para grupos socialmente marginalizados, como mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. Logo, estimula-se a produção científica sobre sexualidade e envelhecimento e sugere-se o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para essa população.

Palavras-chave: Brasil; Envelhecimento; Velhice; Educação sexual; Sexualidade.

Abstract: The aging of the Brazilian population brings with it the need to develop a dialogue about old age in its biological, psychological and social aspects, including sexuality, which still represents a social taboo in this phase. With this in mind, this article has the objective to understand how people over 60 express and experience their sexuality nowadays in Brazil. For this purpose, a narrative review of the literature was utilized as a method, using the Google Scholar, LILACS and SciELO databases. 68 articles were pre-selected, resulting in 11 works chosen based on the selection criteria. The research has evidenced that sexuality is experienced in old age, so desires and sexual and emotional life do not end with aging. However, the social taboo related to sexually active old age limits the knowledge of people over the age of 60 about the topic, in addition to creating vulnerabilities in access to sexual health information, especially for socially marginalized groups, such as women and LGBTQIAPN+ people. Therefore, scientific production on sexuality and aging is encouraged and the development of public policies focused on this population is suggested.

Keywords: Brazil; Ageing; Old Age; Sexuality education; Sexuality.

Resumen: El envejecimiento de la población brasileña trae consigo la necesidad de desarrollar un diálogo sobre la vejez en sus aspectos biológicos, psicológicos y sociales, incluida la sexualidad, que todavía representa un tabú social en esta etapa. Teniendo esto en cuenta, este artículo pretende comprender cómo expresan y viven actualmente la sexualidad las personas mayores de 60 años en Brasil. Para ello, se utilizó una revisión narrativa de la literatura, utilizando las bases de datos Google Scholar, LILACS y SciELO. Un total de 68 artículos fueron preseleccionados, resultando 11 estudios escogidos de acuerdo con el criterio de la autora. La investigación mostró que la sexualidad es vivida en la vejez, de modo que los deseos y la vida sexual y afectiva no terminan con el envejecimiento. Sin embargo, el tabú social relacionado con la vejez sexualmente activa limita la comprensión de las personas mayores de 60 años sobre el tema, además de crear vulnerabilidades en el acceso a la información sobre salud sexual, especialmente para grupos socialmente marginados como



¹Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM). Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-graduada em Sexologia Aplicada. Instituto Paulista de Sexualidade (InPaSex), São Paulo- SP, Brasil. Bacharel em Psicologia. Universidade Salvador, Faculdade de Ciências Humanas, Feira de Santana-BA, Brasil. psiandramikaelly@gmail.com

²Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Unesp, Faculdade de Ciências, Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Bauru-SP. Psicólogo, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Bauru-SP, Brasil. Pós-graduado em Sexologia Aplicada. Instituto Paulista de Sexualidade (InPaSex), São Paulo-SP. Especialista em Psicoterapia Analítico Funcional (FAP), Centro Brasileiro de Ciência Comportamental Contextual (CECONTE), Avaré-SP, Brasil. raphaelteixeira.psi@gmail.com

las mujeres y las personas LGBTQIAPN+. Por lo tanto, alentamos la producción científica sobre sexualidad y envejecimiento y sugerimos el desarrollo de políticas públicas dirigidas a esta población.

Palabras clave: Brasil; Envejecimiento; Vejez; Educación sexual; Sexualidad.

Introdução

A população brasileira está passando por um processo de envelhecimento. Os resultados do Censo Demográfico de 2022 mostram que o número de pessoas acima dos 65 anos cresceu em 57,4% em relação a 2010, representando cerca de 10,9% da população do Brasil (IBGE, 2023). Esse fenômeno faz surgir a urgência de se pensar nas velhices e seus atravessamentos, a fim de promover qualidade de vida a essa população. Desse modo, torna-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas que promovam um envelhecimento ativo, pensando nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais das pessoas na velhice (Figueiredo, 2016), incluindo a dimensão da sexualidade.

A sexualidade pode ser vista como um conjunto de diversos fatores expressos pelas pessoas que envolvem os afetos, o autoconhecimento e o desejo de atividades sexuais, podendo ser influenciada por fatores biológicos, sociais, culturais, entre outros (Mucida, 2006). Esse aspecto faz parte da vida humana em todas as suas fases, construindo as identidades sociais e sexuais que são questionadas, desenvolvidas e descobertas pelas pessoas ao longo de suas existências (Bruns e Almeida, 1994).

Na velhice, no entanto, a sexualidade ainda representa um tabu social. O desejo e a atividade sexual são tidos como parte da juventude, fazendo com que a pessoa acima dos 60 anos seja posta na marginalidade quanto à sexualidade e a suas expressões (Rozendo e Alves, 2015). Assim, essa população sofre com a negligência da sociedade e do poder público, de modo a não ser enxergada como parte de um grupo social sexualmente ativo.

Parte das crenças relacionadas à ausência de sexualidade na velhice se dá devido às alterações fisiológicas causadas pela menopausa, para pessoas com útero, e pela andropausa, para pessoas com pênis. Nessa fase, ocorre a diminuição da lubrificação da vagina e a redução do estrogênio, bem como a possível flacidez peniana e diferenças na ejaculação e no tempo de resposta sexual quando comparados à juventude (Gradim, Sousa e Lobo, 2007). No entanto, vale lembrar que esses processos podem ser vivenciados de formas diferentes, considerando diversas realidades e construções sociais (Bruns e Almeida, 1994).

Apesar das mudanças fisiológicas tornarem as práticas que envolvem as genitálias mais difíceis para algumas pessoas, tanto essas quanto outras formas de obter prazer podem estar presentes até o fim da vida e o desejo e o afeto não deixam de existir em função do processo de envelhecimento. Além disso, o surgimento da reposição hormonal e outros procedimentos médicos possibilitam o prolongamento da função sexual, ainda que seja necessário associar essas intervenções a um diálogo sobre sexualidade e saúde sexual (Athie *et al.*, 2020).

A associação do desejo e da atividade sexual com a juventude também é atravessada pelas dimensões sociopolítica e econômica. No sistema capitalista, a velhice é colocada como uma fase improdutiva, uma vez que é nesse momento da vida que a maioria das pessoas passa a gerar menos ou nenhuma força de trabalho; assim, a existência velha³ torna-se socialmente invisível (Beauvoir, 1990). A pessoa jovem é vista como produtiva, saudável e ativa, enquanto a velha é enxergada como improdutiva, doente e inativa, inclusive para além do trabalho, de modo que a sexualidade também é tida como inexistente nessa fase.

A marginalização da pessoa na velhice e a visão desta como ser desprovido de sexo e desejo persiste como um problema social na medida em que, além de alimentar mitos, também produz uma negligência da sociedade e do poder público quanto à saúde sexual da pessoa acima dos 60 anos, afastando-a do conhecimento sobre sua própria sexualidade (Quintino e Ducati, 2021).

Diante disso, é essencial combater tabus e crenças sociais que desapropriam as pessoas das expressões de suas sexualidades durante o envelhecimento, além de compreender os diversos recortes que atravessam as vivências na velhice, como gênero, orientação sexual, raça e classe; o que aponta para a existência de

³No decorrer do texto, a pessoa leitora vai se deparar com o uso da palavra “velha” e suas variações para se referir a pessoas acima dos 60 anos. O termo utilizado não é pejorativo e seu uso no texto consiste justamente em uma reivindicação política pela desconstrução dessa percepção.

múltiplas velhices, as quais experienciam o envelhecimento e a sexualidade de diferentes formas, de acordo com as vulnerabilidades enfrentadas dentro de cada recorte.

Tendo a existência da sexualidade ao longo da vida e a diversidade das velhices brasileiras em vista, o presente artigo tem como principal objetivo compreender como as pessoas acima dos 60 anos expressam e vivem suas sexualidades atualmente no contexto brasileiro, considerando aspectos socioculturais que permeiam as crenças sobre sexualidade e envelhecimento e como eles afetam a promoção da saúde sexual na velhice. Busca-se também discutir recortes de gênero e orientação sexual, pensando no envelhecimento de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, de modo a apontar os principais fatores que afetam a saúde sexual e a vivência da sexualidade para as pessoas nessa fase.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma revisão narrativa da literatura, utilizando apenas artigos científicos para obtenção dos resultados, a fim de compreender os principais aspectos que envolvem as vivências e expressões da sexualidade na velhice no Brasil, considerando recortes de gênero e orientação sexual.

Durante a seleção de artigos foram considerados aqueles publicados em língua portuguesa brasileira, no período dos últimos cinco anos, entre 2018 e 2023, sendo utilizadas as bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico. Inicialmente, foram selecionados 68 artigos entre os encontrados por meio das palavras-chave: Sexualidade; Envelhecimento e Sexualidade na Velhice. Desses, 33 trabalhos foram escolhidos com base em seus resumos, sendo observado se correspondiam aos objetivos propostos.

A seleção dos textos foi baseada, além do critério de período de publicação, no quanto as pesquisas apresentavam perspectivas sobre velhice, sexualidade e saúde sexual que contribuíssem para um entendimento de como as pessoas que vivenciam a terceira idade no território brasileiro se relacionam com suas sexualidades. Também foi avaliado se os estudos apresentavam discussões em torno dos atravessamentos de gênero e orientação sexual numa abordagem inclusiva.

Os trabalhos escolhidos foram organizados de acordo com o ano de publicação. Apesar de terem sido encontrados artigos publicados em 2018 e 2019, foi constatado que a maioria dos estudos encontrados com contribuições relevantes para esta revisão foram publicados entre 2020 e 2023, assim, esse se tornou o período de recorte com o objetivo de tornar a revisão mais concisa. Os artigos restantes com base nesse critério foram 22, todos submetidos à leitura integral, que resultou na seleção de 11 artigos científicos.

Foram excluídos todos os trabalhos que não respondessem às finalidades descritas nesta revisão ou utilizassem uma perspectiva exclusivamente biológica sobre o processo de envelhecimento e sobre a atividade sexual nessa fase. Os 11 artigos selecionados foram lidos e analisados de acordo com a metodologia da revisão narrativa, que possui caráter qualitativo.

De acordo com Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa parte do entendimento de que os fenômenos humanos são atravessados por suas especificidades, de modo que essas se expressam em suas relações sociais. Assim, esses fenômenos e interações são descritos e analisados sem que a quantificação estatística seja o foco, representando o método qualitativo, aqui utilizado para analisar os textos e extrair os resultados discutidos nesta pesquisa. A análise dos textos teve como principais guias os objetivos propostos para este trabalho.

Os resultados obtidos foram organizados em três subtópicos, com base nos objetivos específicos da pesquisa, sendo eles: “Velhice sexualmente ativa no Brasil”, “A sexualidade das velhas brasileiras” e “Velhice LGBTQIAPN+ e seus atravessamentos”, vindo a ser discutidos a seguir.

Resultados e Discussão

Velhice sexualmente ativa no Brasil

A sexualidade e suas expressões estão presentes em todas as fases da vida. Santos (2022) entrevistou 150 pessoas acima dos 60 anos em um município de Pernambuco, e os resultados apontaram que 58,82% das mulheres e 66,66% dos homens entrevistados acreditam que, na ausência de problemas de saúde que as

afetem significativamente, as pessoas podem sentir desejo e manter práticas sexuais até depois de 80 ou 90 anos de idade.

Esses dados corroboram com outro estudo, realizado no Distrito Federal, com um público na mesma faixa etária, o qual mostrou que 71,78% de seus participantes afirmaram ter desejos sexuais e 61,07% declararam ter vida sexual ativa no momento da realização das entrevistas (Lima *et al.*, 2021). A vivência da sexualidade, tanto em dimensões sexuais quanto afetivas, constitui-se como um aspecto essencial na velhice, uma vez que ela interfere positiva e significativamente na autoestima e na qualidade de vida das pessoas nessa fase, segundo uma pesquisa realizada com 519 pessoas com idade igual ou superior a 60 anos de todas as regiões do Brasil (Júnior *et al.*, 2022).

No entanto, apesar de apontarem que na velhice a sexualidade é vivenciada e reconhecida como parte importante do bem-estar das pessoas, alguns estudos (Athie *et al.*, 2020; Ferreira *et al.*, 2021; Ibrahim *et al.*, 2022; Lima *et al.*, 2021; Sampaio *et al.*, 2022) também mostram que ainda existe pouco conhecimento sobre o tema entre pessoas dessa faixa etária. A associação da sexualidade apenas com o ato sexual foi um ponto em comum entre os achados de Ibrahim *et al.* (2022) e Sampaio *et al.* (2022). Em contrapartida, o grupo entrevistado por Fonseca *et al.* (2021) demonstrou bom entendimento sobre a sexualidade, compreendendo que na velhice ela continua existindo, mas passa a ser vivenciada de outras formas.

Na pesquisa de Ferreira *et al.* (2021) é apontado que nessa fase da vida as pessoas reconhecem a importância da sexualidade, identificando e valorizando outros aspectos dela para além do sexo, como o companheirismo e a amizade. Além disso, entre as pessoas acima dos 60 anos existe um processo de se reinventar e compreender novas formas de obter prazer (Sampaio *et al.*, 2022). Contudo, a presença de estudos que encontram ausência de conhecimento endossa a necessidade de se repensar a educação em sexualidade no Brasil, a fim de entender esse âmbito da vida para além do ato sexual e de sua realização na juventude, reconhecendo sua permanência ao longo da vida.

Mesmo que a escolaridade não represente um dos critérios de análise da pesquisa atual, é importante ressaltar que durante a leitura dos artigos analisados foi possível observar que existe uma prevalência de compreensão sobre o tema entre pessoas mais escolarizadas. Lima *et al.* (2021) aponta que, entre as pessoas entrevistadas pelo grupo de pesquisadores, aquelas que possuíam menor escolaridade afirmaram não ser importante as pessoas idosas terem conhecimento sobre sexualidade. Diante disso, é importante que, ao tratar do tema, considere-se a maior vulnerabilidade de grupos que enfrentaram menor acesso à educação durante o curso da vida.

Além da falta de informação sobre sexualidade e prevenção de ISTs, os tabus presentes na sociedade são apontados como fatores que dificultam a população de exercer sua sexualidade ao longo do processo de envelhecimento, fazendo com que as próprias pessoas na terceira idade acreditem que o sexo e o prazer são apenas para as pessoas jovens (Ibrahim *et al.*, 2022). A religião aparece como uma grande influência no imaginário social que ignora a presença da sexualidade na velhice, gerando pudor quando o assunto é atividade sexual (Sampaio *et al.*, 2022). As crenças relacionadas ao casamento e ao sexo as quais permeiam a geração que agora está na velhice também acabam fazendo com que pessoas que ficam viúvas não procurem outras parcerias ou tenham dificuldade em encontrá-las (Santos, 2022).

A solidão é um fator sentido com o avanço do envelhecimento, tendo em vista que não apenas cônjuges e outras parcerias amorosas podem vir a falecer, como também membros da família e dos círculos de amizade. Nesse sentido, os grupos de apoio e discussão para pessoas na terceira idade são apontados como ambientes de socialização e trocas importantes, pois promovem o contato entre pessoas da mesma faixa etária, isso pode permitir o surgimento de diálogos sobre sexualidade e manter as interações sociais e o movimento na velhice por meio de atividades coletivas (Sampaio *et al.*, 2022).

A atuação de profissionais da saúde também é essencial na promoção do bem-estar na velhice. No entanto, a abordagem do sexo e das afetividades na área não contempla adequadamente essa população. A pesquisa de Júnior *et al.* (2022) constatou que 76% das pessoas entrevistadas nunca receberam orientações sobre sexualidade por profissionais de saúde. Além disso, a maioria dos estudos aponta para o fato de que existe pouco preparo por parte da área em promover um diálogo sobre sexo e sexualidade com o público mais velho, o que não apenas limita o acesso ao debate como também expõe a população acima dos 60 anos a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

A falta de informação atrelada à redescoberta do sexo, medicações para impotência e reposição hormonal e a associação do preservativo apenas como método anticoncepcional, acaba deixando essa população desinformada e suscetível a doenças sexualmente transmissíveis como HIV (Athie *et al.*, 2020).

Quando se discute a contaminação por ISTs e o uso de métodos de prevenção, existe a necessidade de se atentar para as pessoas na velhice. Ibrahim *et al.* (2022) constatou que quase a totalidade do público entrevistado, composto por 10 pessoas entre 64 e 85 anos, nunca utilizou preservativos em suas relações sexuais. Quintino e Ducatti (2021) também apontam a falta da adesão à camisinha por parte da população idosa, que pode ser explicada pelo fato de a atual geração de pessoas acima dos 60 anos associar o método à contracepção, e não à prevenção de infecções (Athie *et al.*, 2020), acreditando que seu uso não seria necessário depois da menopausa, quando os riscos de gravidez diminuem significativamente ou mesmo inexistem.

A falta de informações de saúde sexual está ligada ao fato da sexualidade na velhice ser tratada como tabu, isso contribui diretamente para a ineficácia e/ou ausência de campanhas focadas na prevenção de ISTs desse público (Quintino e Ducatti, 2021), de modo que as cartilhas e ações voltadas para o tema são planejadas e produzidas em sua maior parte pensando nas pessoas mais jovens, numa sociedade que atribui o exercício da sexualidade à juventude. Desse modo, a relevância de se pensar políticas públicas de promoção de saúde sexual para a população idosa se dá não apenas pelo fato de ela continuar sexualmente ativa, mas também pela vulnerabilidade à infecção por HIV e outras ISTs.

O último Boletim Epidemiológico sobre HIV e Aids no país, publicado em dezembro de 2023, aponta que os casos de infecção pelo vírus subiram 17,2%, no Brasil, entre os anos de 2020 e 2022. Além disso, foi observado um aumento nas infecções por HIV notificadas no Sistema de Informação de Agravos e Notificações (Sinan) entre pessoas acima dos 50 anos na última década. Entre homens, de 2012 a 2022, as notificações aumentaram de 8,7% para 11,4%; entre mulheres o percentual passou de 11,4% para 20,3% (Ministério da Saúde, 2023).

Ao analisar o fenômeno do crescimento de casos de HIV e Aids, Athie *et al.* (2020) afirmam a necessidade de se discutir velhice e sexualidade não apenas no que diz respeito à prevenção de infecções, mas também a outras nuances desse aspecto da vida, promovendo informação e diálogo, a fim de mudar a concepção da população em geral, das pessoas acima dos 60 anos e dos profissionais de saúde sobre o tema.

Sendo assim, é indispensável que o envelhecimento seja visto como um processo no qual tanto a atividade sexual quanto o afeto estão presentes, uma vez que a dessexualização da velhice constitui um dos maiores empecilhos no acesso à informação sobre sexo e sexualidade e na abertura ao prazer por parte das pessoas que vivenciam essa fase.

A sexualidade das velhas brasileiras

Na velhice, a mulher enfrenta dificuldades para exercer seus desejos e buscar conhecimento sobre sexualidade (Santos *et al.*, 2020). A pesquisa desenvolvida por Santos (2022) mostra que 42,15% das entrevistadas acreditam ser vergonhoso demonstrar interesse por sexo, ao contrário dos homens, que representam uma porcentagem de 20,83%.

A sexualidade feminina é marcada pela vergonha, o que não apenas pode ser observado no estudo de Santos *et al.* (2020) por meio da maior porcentagem de mulheres que acredita ser vergonhoso externalizar o desejo, mas também na pesquisa de Sampaio *et al.* (2022), ou seja, constataram que suas entrevistadas utilizaram com frequência outras palavras e termos para se referir ao ato sexual, relacionando-o a uma atividade proibida ao se lembrar da fase da adolescência. Diante disso, é possível compreender que a vergonha e o tabu social da sexualidade feminina acompanham as mulheres ao longo de toda a vida, influenciando suas concepções sobre o tema.

A falta de informação sobre sexualidade pode afetar ainda mais as mulheres, uma vez que o ambiente familiar predominante na criação da atual geração de mulheres velhas destaca-se pela falta de diálogo sobre sexo e sexualidade durante a infância e a adolescência (Sampaio *et al.*, 2022). Além disso, essas duas fases da vida são marcadas pelo preparo das pessoas para cumprir os papéis de gênero tradicionais designados a elas socialmente, incluindo, para as mulheres, a pureza, o casamento, e o cuidado com a casa e a prole.

Assim, o papel de mãe e esposa impostos às vivências de mulheres cisgêneras ao longo da vida se tornam

prioridade e as levam ao sacrifício de prazeres e desejos pessoais em detrimento dessas obrigações, colocando de lado os desejos e vivências sexuais para além da satisfação sexual do outro, isso evidencia o papel do patriarcado na repressão sexual de mulheres.

O papel social em função do gênero conduz as mulheres idosas à autorresponsabilização por vivenciar sua sexualidade acompanhada de sentimentos, desafios, imposições morais apreendidas em meios socioculturais, provenientes de uma socialização com significativas interferências patriarcais, cujo modelo estrutural é dominado pelas referências masculinas e forte influência religiosa (Sampaio *et al.*, 2022).

A velhice ainda traz à pessoa a possibilidade da viuvez. Fonseca *et al.* (2021) aponta a viuvez como um fator que pode dificultar a vivência da sexualidade, principalmente para as mulheres que se relacionam com homens, uma vez que os homens que foram casados com mulheres tendem a buscar outras companheiras (Santos, 2022). Em contrapartida, o próprio estudo de Fonseca *et al.* (2021) também coloca a mulher viúva como alguém capaz de desfrutar de maior liberdade durante essa fase da vida, considerando a possibilidade dessa mulher ter vivido um casamento regido pelas normas patriarcais, colocando-a em posição de dependência.

Ao se pensar sobre a viuvez na velhice, é importante lembrar que ela é vivida e enxergada socialmente de diferentes formas para diferentes gêneros. Para os homens casados com mulheres, é possível encontrar novas parcerias com a perda da companheira, na maioria das vezes mais jovens, e obter apoio de outras pessoas para realizar atividades que antes eram parte do papel desempenhado por suas esposas, como as atividades domésticas (Motta, 2005). Já as mulheres enfrentam dificuldades de estabelecer novas relações amorosas, enquanto lidam com os julgamentos e expectativas sociais. Apesar disso, ressalta-se que o desejo sexual não se extingue entre as mulheres viúvas (Fonseca *et al.*, 2021).

Assim, compreende-se a mulher viúva como alguém capaz de sentir desejo e obter prazer, além de exercer sua liberdade, apesar das limitações que a viuvez traz para o encontro de novas parcerias. No entanto, isso não exclui a importância de lembrar que essas mulheres continuam vendo-se solitárias e sentindo-se julgadas por pessoas de seus convívios, pensando também na solidão como um fator relacionado à própria marginalização da pessoa acima dos 60 anos (Motta, 2018) e que pode se agravar de acordo com o recorte de gênero.

A associação direta do sexo com a penetração também pode limitar o exercício da sexualidade na velhice, uma vez que as mudanças provocadas pela menopausa, como a diminuição da lubrificação vaginal, são capazes de dificultá-la (Gradim, Sousa e Lobo, 2007). As mulheres reconhecem as mudanças do corpo, mas é observado que o desejo sexual não se modifica necessariamente (Fonseca *et al.*, 2021; Sampaio *et al.*, 2022), o que mostra a importância de discutir o sexo para além da penetração, considerando outras práticas que podem ser prazerosas, como sexo oral, masturbação e ainda o contato que não seja diretamente ligado às genitálias.

Nesse sentido, aponta-se para um fenômeno de redescoberta do prazer por parte de mulheres mais velhas, que se utilizam do acesso à internet, de produtos eróticos e da masturbação no processo de autoconhecimento (Sampaio *et al.*, 2022). Esse movimento contradiz as ideias de que as mulheres não são sujeitas do prazer e de que sua sexualidade só pode ser exercida no sentido de satisfazer o outro. Para as mais velhas existe mais tabu quando se fala da atividade sexual comparada à de mulheres mais jovens, inclusive entre as próprias mulheres.

Apesar da masturbação estar presente na vida das pessoas na velhice, ela está cercada de tabus e crenças anticientíficas, o que é investigado no levantamento de Santos (2022). Os resultados mostram que, para 45,09% das mulheres e 31,25% dos homens entrevistados, a masturbação em excesso pode causar o aparecimento de confusão mental e de demência; isso reforça a urgência da abertura de espaços que promovam diálogo e informação em saúde sobre sexo, sexualidade e envelhecimento, a fim de combater mitos. O número de mulheres que acreditam que o exercício da masturbação pode gerar problemas de saúde é consideravelmente maior na pesquisa analisada, o que mostra a necessidade de se incluir gênero nas discussões que envolvem a temática.

(A masturbação) apresenta-se como um assunto pouco conhecido e que vem acompanhado também de alguns tabus. Enquanto respondiam à escala, algumas mulheres faziam comentários tais como: “masturbação é coisa para homem” e “homem que faz isso”, o que mostra que é algo proibido e/ou sequer imaginado para mulheres (Santos, 2022).

Santos (2022) observou que, entre as pessoas que fizeram parte de seu estudo, 74,51% das mulheres e 62,50% dos homens responderam que a mulher acima dos 65 anos “fica fria em relação a sexo”, no sentido de que ela deixa de procurar o contato íntimo e demonstrar desejo sexual, isso aponta para uma necessidade de discutir como os papéis de gênero podem influenciar as crenças as quais permeiam o imaginário social quando se fala de sexualidade na velhice.

Para além da vivência das mulheres cisgêneras e heterossexuais, público da maioria das pesquisas encontradas com enfoque em gênero, vale ressaltar a importância de se produzir, sobre velhice e masculinidades, estudos os quais se mostraram quase escassos durante a busca feita para esta revisão. Além disso, não foram localizadas pesquisas recentes que abordassem a velhice de mulheres trans e de travestis no Brasil, bem como de mulheres não heterossexuais, mostrando a ausência da discussão do envelhecimento LGBTQIAPN+ e suas nuances.

Velhices LGBTQIAPN+ e seus atravessamentos

Quando se fala de velhices LGBTQIAPN+, pensar na violência direcionada à comunidade e em seus efeitos é crucial para a compreensão de suas particularidades. Uma revisão da literatura feita por Silva *et al.* (2022) aponta que os problemas de saúde agravados com o envelhecimento e o enfrentamento ao ódio às pessoas LGBTQIAPN+ podem impactar psicologicamente seus processos de envelhecimento, possibilitando o surgimento de estresse e o isolamento social.

O trabalho discute ainda a relação de alguns desses fatores com o heterossexismo introjetado na própria comunidade LGBTQIAPN+. O heterossexismo pode ser definido como um sistema ideológico o qual presume que todas as pessoas são heterossexuais, produzindo violências contra quem não se encaixa nessas normas, como as pessoas lésbicas, gays, bissexuais e pansexuais (Welzer-Lang, 2001). A revisão de Silva *et al.* (2022) destaca possíveis efeitos significativos na saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+ mais velhas ao sugerir, por meio das pesquisas analisadas, que a internalização desse sistema, além dos fatores já apresentados, pode estar ligada a sintomas depressivos e aumento de estresse, os quais se interseccionam com a violência percebida ao longo da vida.

Diante disso, é indispensável considerar que pensar na saúde das velhices LGBTQIAPN+ é pensar na saúde de uma população que enfrenta não apenas mudanças biológicas e comorbidades físicas, mas que também vem sofrendo psicologicamente com o desgaste diante das violências decorrentes do ódio a suas identidades e expressões de gênero e sexualidade ao longo de toda a vida, não apenas externamente, mas também entre si.

A população LGBTQIAPN+ acima dos 50 anos tende a cuidar menos da saúde (Silva *et al.*, 2022), isso constitui mais um desafio no envelhecimento. É possível que esse achado seja explicado, em parte, pelo receio da exposição a situações de violência decorrentes da LGBTfobia, que podem envolver profissionais da saúde. Além disso, existe o próprio dado de que essa população é aquela que possui menor acesso à saúde no Brasil, tanto na rede pública quanto na rede privada (Crenitte *et al.*, 2023). Esses dados evidenciam que as pessoas que não correspondem à cisheteronormatividade sofrem com a negligência de suas necessidades básicas por parte do poder público.

Quando a questão da saúde sexual dessa população é colocada, vale lembrar que os métodos de prevenção de ISTs não são desenvolvidos pensando no sexo entre duas pessoas com a mesma genitália, que é uma das formas de contato sexual presentes entre pessoas LGBTQIAPN+.

Associando os resultados da revisão de Silva *et al.* (2022) aqui expostos aos dados que mostram que o uso de preservativos por parte das pessoas com mais de 60 anos é quase excluído (Ibrahim *et al.*, 2022; Quintino e Ducatti, 2021), é possível pensar na vulnerabilidade da população LGBTQIAPN+ na terceira idade quanto à prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis. Dito isso, é indispensável que se efetivem políticas públicas especificamente voltadas às pessoas LGBTQIAPN+ mais velhas, visando a promover um envelhecimento saudável por meio da informação gerada por campanhas focadas nas demandas dessa população.

Por fim, ao discutir esse tópico, ressalta-se a necessidade da realização de pesquisas focadas nas pessoas LGBTQIAPN+ velhas. O estudo realizado por Santos *et al.* (2020) menciona a dificuldade de encontrar pesquisas sobre mulheres que fazem sexo com mulheres. A mesma limitação foi encontrada nesta revisão. Foi observado que a maioria dos artigos sobre sexualidade na velhice encontrados não discutem o envelhecimento

LGBTQIAPN+ e suas demandas, isso pode causar uma generalização da temática ao ignorar aspectos específicos das vivências que não são contempladas pela cisheteronorma. Além disso, não foram encontrados estudos focados na atividade sexual ou no prazer de pessoas LGBTQIAPN+, limitando a discussão dessas velhices ao enfrentamento ao preconceito.

É importante também considerar as particularidades de cada orientação sexual e identidade de gênero, que são ainda atravessadas por outros recortes, como raça, classe, religião e território, sendo essencial o surgimento de mais estudos aplicados nas diferentes regiões brasileiras e com diferentes perfis populacionais.

Nesse sentido, incentiva-se a produção científica sobre sexualidade e velhice das pessoas LGBTQIAPN+, a fim de criar mais referências e ampliar o debate sobre o tema, gerando reflexão e evidenciando a urgência de políticas públicas que contribuam para que o envelhecimento dessa população seja vivenciado com saúde, estando inclusa a saúde sexual, bem-estar e garantia de direitos básicos.

Considerações Finais

Na velhice, a sexualidade é presente e envolve suas particularidades, uma vez que ela é vivenciada em meio a mudanças fisiológicas que impactam o sexo, além de estar permeada por crenças sociais de que a pessoa velha é desprovida de desejo e atividade sexual. O tabu do envelhecimento sexualmente ativo e a falta de acesso da população acima dos 60 anos a informações sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis geram desafios para a promoção da saúde sexual dessa população.

A expressão da sexualidade é mais difícil para as mulheres cisgêneras velhas do que para os homens cisgêneros da mesma faixa etária, graças ao patriarcado e às normas de gênero socialmente estabelecidas por esse sistema. Em contrapartida, existe um movimento de redescoberta do prazer por parte dessas mulheres para além do sexo com penetração, apontando para a construção de novas vivências em sexualidade. Já as velhices LGBTQIAPN+ enfrentam a LGBTfobia e a negligência do poder público quanto a suas particularidades, isso, junto a outras comorbidades, pode expor as pessoas LGBTQIAPN+ a maior estresse e sofrimento mental, impactando na saúde dessa população.

Não foram encontrados estudos que abordem especificamente a atividade sexual de pessoas que não fossem heterossexuais e cisgêneras, mostrando a necessidade de pesquisas voltadas para essas realidades. Os artigos sobre a sexualidade de pessoas não brancas acima dos 60 anos também são escassos, bem como sobre outras vivências dissidentes. Diante disso, ressalta-se a importância do crescimento da produção científica brasileira focada na sexualidade no envelhecimento e sua diversidade, com o objetivo de promover debate, produzir conhecimento e destacar a relevância desse tema e seus recortes. Dessa forma, é essencial a realização desses estudos em todas as regiões do Brasil e com diferentes recortes populacionais, de forma a diversificar as narrativas contempladas.

De acordo com os dados analisados e discutidos, pode-se apontar para a falta de projetos que promovam diálogo sobre sexualidade voltados especificamente para a população acima dos 60 anos, incluindo as informações sobre transmissão e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis, geralmente discutidas com as pessoas mais jovens, dessa forma, torna as pessoas na velhice mais vulneráveis aos efeitos dessas infecções.

Sendo assim, esta revisão destaca a urgência do desenvolvimento de políticas públicas que visem ao bem-estar e à promoção de saúde sexual da população acima dos 60 anos, por meio da educação sobre sexualidade e do preparo de profissionais de saúde para dialogar sobre o tema e acolher também velhices não heterossexuais e não cisgêneras, permitindo o acesso de pessoas idosas a diversas realidades e a serviços de saúde preparados para lidar com suas sexualidades, que constituem uma dimensão presente por toda a vida.

Agradecimentos

Agradecemos à equipe do Instituto Paulista de Sexualidade, especialmente à professora Vera Lucia Vaccari, que inspirou e incentivou a pesquisa sobre velhices e sexualidades que levou à escrita deste artigo.

Referências

- ATHIE, G. R. et al. HIV na terceira idade: O aumento de casos como reflexo da falta de informação direcionada. *Braz. Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 8298-8306, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/13268>. Acesso em: 29 set. 2023.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. *Boletim Epidemiológico - HIV e Aids 2023*. Brasília, n. especial, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-numero-especial-dez-2023/view>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- BRUNS, M. A. T; ALMEIDA, M. G. O Êxtase do Tempo Vivido: um estudo da sexualidade feminina na “terceira idade”. *RBSH*, v. 5, n. 1, p. 63-81, 1994. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/824. Acesso em: 27 dez. 2023.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação, Braga*, v. 16, n. 2, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- CRENITTE, M. R. F. et al. Transforming the invisible into the visible: disparities in the access to health in LGBT+ older people. *Clinics*, São Paulo, v. 78, n. 8, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1807593222033506?via%3Dihub>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- FERREIRA, L. I. C. et al. Conhecimento de idosos sobre sexualidade no processo de envelhecimento. *PAJAR - Pan-American Journal of Aging Research*, Porto Alegre, v. 9, e41417, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/pajar/article/view/41417>. Acesso em: 29 set. 2023.
- FIGUEIREDO, A. H. (Org.). *Brasil: Uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 435p.
- FONSECA, N. M. et al. Percepções e Vivências de Mulheres Idosas Sobre a Sexualidade na Velhice: a Redescoberta da Alegria de Viver. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, v. 25, n. 3, p. 405-414, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/57116>. Acesso em: 28 set. 2023.
- GRADIM, C. V. C.; SOUSA, A. M. M.; LOBO, J. M. A prática sexual e o envelhecimento. *Cogitare Enfermagem*, v. 12, n.2, p. 204-213, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/9826>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- IBGE. *Censo Brasileiro de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- IBRAHIM, S. et al. A percepção da pessoa idosa sobre a sexualidade e a saúde sexual no envelhecimento. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, Umuarama, v. 26, n. 3, p. 910-926, 2022. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/8718>. Acesso em: 28 set. 2023.
- LIMA, A. C. et al. Vivências e percepções sobre a sexualidade na terceira idade. *Enfermagem Brasil*, v. 20, n. 6, p. 732-749. 2021. Disponível em: <https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/4675>. Acesso em: 29 set. 2023.
- MOTTA, A. B. Viúvas: o mistério da ausência. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/2864/1/4754-15193-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.
- MOTTA, A. B. Idade e Solidão: a velhice das mulheres. *Revista Feminismos*, v. 6, n. 2, p. 88-96, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30390>. Acesso em: 21 dez. 2023.

- MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 232 p.
- QUINTINO, L. C.; DUCATTI, M. Infecções Sexualmente Transmissíveis em idosos: revisão integrativa. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 163-183. 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1425104>. Acesso em: 29 set. 2023.
- ROZENDO, A. S.; ALVES, J. M. Sexualidade na terceira idade: tabus e realidade. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 18, n. 3, p. 95-107. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26210>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- SAMPAIO, V. P. et al. O sentido da memória da mulher idosa em vivência com a sexualidade. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 25, n. 2, p. 361-380, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/46492>. Acesso em: 29 set. 2023.
- SANTOS, A. A. et al. A sexualidade da mulher idosa: um olhar sociocultural fora da curva da heteronormatividade. *Lumen*, Recife, v. 29, n. 2, p. 09-20, 2020. Disponível em: <https://fafire.emnuvens.com.br/lumen/article/view/584>. Acesso em: 19 out. 2023.
- SANTOS, I. F. Atitudes e Conhecimentos de Idosos sobre Intercurso Sexual no Envelhecimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, e235106, p. 1-11. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/wSdmzSqRsLmbjTF8bjfbQ3f/>. Acesso em: 29 set. 2023.
- SILVA, L. A. et al. Envelhecimento e velhice LGBTQIA+: repercussões sobre a saúde física e mental de pessoas de meia-idade e idosas. *RBSH*, v. 33, e1013, p. 1-10, 2022. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1013. Acesso em: 29 set. 2023.
- SOUZA JÚNIOR, E. V. S et al. Efeitos das vivências em sexualidade na autoestima e na qualidade de vida de pessoas idosas. *Escola Anna Nery Revista*, v. 26, e20210469, p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/xwDnR4vWW8sRVmYxSrKJ53Q/?lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2023.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Recebido em: 09/09/2024

Aprovado em: 29/03/2025